

O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE LEITORES NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE CRICIÚMA (SC)

Educação, Linguagem e Memória

Aline Casagrande Rosso Cardoso¹
Gladir da Silva Cabral²

Introdução

Acredita-se que toda pesquisa é motivada por alguma inquietação, ou seja, que todo estudo parte de algo que desacomoda o autor intimamente, que o deixa curioso ou pensativo sobre determinado assunto. Esta pesquisa partiu do projeto “Ler e Educar: formação continuada de professores da Rede Pública de SC”, realizado no polo de Criciúma, na Universidade do Extremo Sul Catarinense, no qual foram discutidos alguns índices atuais da leitura no Brasil, divulgados por meio de avaliações como o PISA³. Como o Brasil não se encontra em uma posição favorável em termos de leitura, pensou-se em averiguar, dentro das escolas, como se dá a formação de leitores. Para tanto, escolheu-se a biblioteca como base de pesquisa, uma vez que se supõe ser um espaço promotor de práticas leitoras.

Duas pesquisas realizadas na instituição supracitada demonstram que a leitura na escola pública tem se dado de maneira insuficiente, e, em muitos casos, esta prática é colocada apenas nas mãos dos professores que lidam com a linguagem. A leitura em sala de aula é reduzida a “texto como pretexto” (conforme GERALDI, 2002), e não oferece empoderamento e criticidade aos alunos (conforme SILVA, 1997; ZILBERMAN, 1988). Da mesma forma, a

¹Graduada em Letras pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Mestra em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Integrante do projeto “Ler & Educar: formação continuada de professores da rede pública de SC” (OBEDUC/CAPES).

² Graduado em Letras pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da UNESC.

³O *Programme for International Student Assessment* (Pisa), de acordo com o site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), é um órgão internacional que avalia estudantes de todo o mundo, por volta dos seus 15 anos de idade. Ocorre a cada três anos e possui como foco de análise as seguintes áreas do conhecimento: leitura, matemática e ciências. De acordo com os resultados do PISA 2012, o Brasil ocupa a 55ª colocação em competência leitora.

biblioteca escolar é um espaço carente de atenção, e em Içara e Forquilha – onde as pesquisas foram realizadas – a biblioteca é um espaço que ainda requer melhorias para funcionar plenamente.

Em Criciúma, onde esta pesquisa é realizada, procura-se entender se as bibliotecas de três escolas públicas municipais cumprem o papel de formar leitores e de que forma o fazem. Tem-se, por objetivos, averiguar quais as opiniões que professores, bibliotecários e alunos têm sobre a leitura e a biblioteca escolar, e de que forma utilizam a última.

Para a coleta de dados, utilizou-se de um diário de campo para registrar as observações feitas nas três bibliotecas em questão. Utilizou-se, também, entrevistas semiestruturadas com os nove professores e com as duas bibliotecárias, a fim de analisar posteriormente suas opiniões sobre o espaço. Por fim, questionários foram aplicados aos 131 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental das três escolas pesquisadas, com o intuito de entender suas práticas de leitura e de acesso à biblioteca escolar.

Alguns resultados

Por meio do diário de campo, observou-se que, entre as três escolas, a escola C apresenta mais subsídios para a prática leitora, uma vez que possui uma ampla biblioteca (com cerca de cinco mil livros), mesas e cadeiras para estudo, duas auxiliares de biblioteca e um projeto de leitura fixo. A escola B possui biblioteca, mas não um responsável por ela. O espaço fica, na maior parte do tempo, fechado aos alunos, e alguns professores a utilizam quando precisam corrigir provas e fazer planejamentos. Foi observado em uma das visitas, que a biblioteca da escola B também é utilizada para colocar alunos de castigo. Conforme Carneiro da Silva (1999), a biblioteca escolar é muitas vezes polifuncional, deixando de lado a sua principal função, que é a formação de leitores e pesquisadores, e é isso que acontece na escola B. A escola C, a qual fora citada como mais adequada, não foge a essa regra, uma vez que também serve de depósito de materiais, sala de reuniões, e lugar de se fazer prova. Por fim, a escola A não possui biblioteca, e os livros ficam guardados em um banheiro desativado. O lugar é úmido e fechado à chave, e os livros ficam empilhados em meio a outros objetos e à poeira. De acordo com Silva (2009),

muitas escolas passam por esta situação: não possui biblioteca, e quando a possui, é um local improvisado, sem organização e sem um profissional competente que faça a gestão do lugar.

Por meio das entrevistas semiestruturadas, foi possível perceber que os professores, em sua maioria, não detêm de tempo suficiente para se dedicar à leitura, e esta acontece geralmente apenas com os materiais de trabalho (livro didático). A maioria afirma que frequentam pouco a biblioteca escolar, e quando o fazem, é para buscar algum material (livro didático, cartolina). Apenas dois professores, dos nove questionados, se mostraram frequentadores assíduos do lugar. Um destes menciona que sempre manuseia os livros, faz uma breve leitura e, como não há profissional na biblioteca que faça a anotação, e nem espaço suficiente para trazer a turma inteira, ele leva os livros para a sala de aula.

As duas auxiliares de biblioteca são professoras readaptadas por motivo de doença. Uma delas é formada em Letras e outra em Matemática. Rosa⁴, que é formada em Letras, assevera ser uma leitora assídua de literatura, jornais e revistas. Valéria é categórica ao mencionar que não lê e não gosta desta prática. De acordo com as suas palavras, leitura não é algo que pertença à sua formação, e ela ainda comenta que se formou em Matemática para se afastar dessa prática. Esta colocação entra em conformidade com o que postula Costa (2009), ao afirmar que muitos professores ainda acreditam que leitura é algo intrinsecamente ligado à Língua Portuguesa, ou seja, que não é um compromisso de todas as áreas. Ambas as auxiliares possuem carga horária de dez horas/aula cada na escola, e, por esse motivo, não ficam todo o tempo na biblioteca. Elas possuem horários fixos e restritos, e isso acaba prejudicando o acesso de todas as turmas da escola ao espaço. É frequente, também, o deslocamento temporário das auxiliares para outras funções dentro da escola, como atender na secretaria ou na cozinha. Em suma, elas, além de ficar pouco tempo na biblioteca, ainda assumem outros compromissos dentro da escola, o que compromete ainda mais a leitura dos alunos.

Estes, por sua vez, em sua maioria, afirmam que gostam de ler, mas que, no momento, não estão lendo nenhum livro. Os que estão lendo,

⁴São utilizados nomes fictícios para as duas auxiliares de biblioteca, a fim de manter a ética na pesquisa.

mencionam *Best sellers*, como *A culpa é das estrelas*, de John Green, e *Percy Jackson*, de Rick Riordan. Alguns citam as obras literárias trabalhadas pela professora de Língua Portuguesa da escola A. Isso demonstra que os alunos estudados têm contato com a literatura canônica apenas dentro da escola, por meio da professora. Fora da instituição de ensino eles preferem os *Best Sellers* atuais. Sobre a biblioteca escolar, eles a veem como a constatação de Carneiro da Silva (1999): um local de múltiplas funções. A maioria dos alunos vê o espaço como um local de leitura. Entretanto, houve respostas como “local de descanso”, “local de castigo” e “local de fazer provas”. Ou seja, este é o papel que a biblioteca vem cumprindo na formação escolar destes alunos.

Considerações finais

Esta pesquisa revelou, por meio dos teóricos e dados aqui trazidos, que a biblioteca escolar, que deveria ser um lugar resplandecente, ativo e educativo, muitas vezes é reduzida a um mero depósito de livros e elementos variados, que não têm serventia à escola, mas que também não são descartados. Um lugar muitas vezes silencioso, sem vida, sem um auxiliar ou profissional que auxilie na dinamização do espaço.

Observou-se, entre as três escolas estudadas, que todas elas, de certa forma, possuem aspectos relativos a esses mencionados, uma vez que uma não tem biblioteca e, por isso, os livros ficam em um depósito, em meio a outros objetos empoeirados; outra possui biblioteca, mas nela reina o silêncio, devido à falta de pessoal que se comprometa em vivificá-la; a terceira, por mais que apresente os elementos necessários (acervo, mobiliário, auxiliares) não foge dos problemas neste trabalho mencionados, como a desmotivação dos profissionais que atuam na biblioteca – o que implica direta e negativamente nos alunos e nos professores –, mistura de outros materiais não pertencentes ao ambiente de leitura (lata de tinta, por exemplo), e a falta de um projeto escrito, formulado pelas auxiliares, em comunhão com os docentes e a comunidade escolar.

Os professores, com poucas exceções, demonstram descontentamento quanto à sua própria leitura, afirmando que o tempo é restrito para que essa prática aconteça com maior frequência. Como a maioria trabalha em mais de

uma escola, a prática de leitura se restringe ao material de trabalho, e às vezes, a conteúdos de *internet*. Outra conclusão importante é que eles consideram a biblioteca um local essencial, mas poucos a visitam. Mencionam que o bibliotecário precisa ser alguém que leia, mas muitos deles não nutrem esta prática.

Os alunos entrevistados, 131 no total, demonstram, na maior parte, que têm apreço à leitura, mas as atividades as quais estão ligados não favorecem para que este hábito se consuma efetivamente. A falta de estímulo para a utilização da biblioteca, a falta de incentivo por parte dos professores e também da família em muitos casos contribuem para que este ato continue insuficiente nas escolas. Os alunos que afirmaram não gostar de ler, possivelmente o fazem por razões de falta de experiências positivas com a leitura, tanto na escola como no ambiente familiar. Acredita-se que um trabalho bem feito na biblioteca, em conjunto com o trabalho significativo do professor, pode aproximar os alunos não simpatizantes à leitura em leitores em formação.

Paulo Freire e Mikhail Bakhtin têm muito a contribuir nas melhorias necessárias, por meio do diálogo, da alteridade, da interação com o *outro* (FREIRE, 2011a; BAKHTIN; 2009) das práticas educativas voltadas ao *ser mais* (FREIRE, 2011b), da ideia de que o ser humano é inacabado (FREIRE, 2011b; BAKHTIN; 2011) e da luta contra a hegemonia (FREIRE, 2006). Se a teoria freireana e bakhtiniana fosse mais lida e difundida no meio escolar e bibliotecário – em especial a prática do diálogo - possivelmente as dificuldades encontradas nestes meios seriam amenizadas. Isso porque, nas palavras de Freire (2011a, p. 141), o diálogo “nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica”. Espera-se, portanto, que o diálogo facilite a aproximação dos alunos, professores e bibliotecários com a leitura, de modo a construir uma educação de qualidade e sustentável.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

CARNEIRO DA SILVA, Waldeck. **Miséria da biblioteca escolar.** São Paulo: Cortez, 1999.

COSTA, Marta Morais da. **Sempreviva, a leitura.** Curitiba: Aymará, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

GERALDI, João Wanderley. A prática de leitura na escola. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto em sala de aula.** São Paulo: Ática, 2006. p. 88-103.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVA, Rovilson José da. **Biblioteca escolar:** organização e funcionamento. In:

SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca escolar e práticas educativas:** o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 115-135.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1988.